



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de Reflexión

2023

Anna Luiza Dantas Salim & Rogério Paes Henriques

Acaso e ruptura na pandemia da Covid-19

Revista Affectio Societatis, Vol. 20, N.º 38, enero-junio de 2023

Art. # 7 (pp. 1-26)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

ARTÍCULO DE REFLEXIÓN



ACASO E RUPTURA NA PANDEMIA DA COVID-19

Anna Luiza Dantas Salim¹
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
annalusalim@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9064-2880>

Rogério Paes Henriques²
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
ruggersosph@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6777-1921>

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v20n38a07>

Resumo

Este ensaio teve como objetivo analisar o trauma na pandemia através dos conceitos de discurso e fantasia, utilizando o método de pesquisa bibliográfica. Foi discutido o adensamento da transferência generalizada em relação ao discurso médico na pandemia; o papel da fantasia na configuração do evento catastrófico da

pandemia de Covid-19 como trauma psíquico; e foram analisadas as características da pandemia de Covid-19 favoráveis à irrupção do trauma. O ensaio conclui apontando a presença do desamparo generalizado na pandemia, contexto favorável à erupção do trauma, que só será desencadeado se a catástrofe pandêmica entrar em

-
- 1 Psicóloga, Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutoranda e Mestra em Psicologia (PPGPSI/UFS). Especialista em Psicologia do Trânsito (Pio X) e em Psicologia Hospitalar (Futura). Psicóloga (servidora efetiva) no Núcleo de Apoio à Equipe de Saúde da Família (NASF-Ab) da Barra dos Coqueiros/SE e psicóloga de orientação psicanalítica no consultório particular.
 - 2 Psicólogo, Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. Psicanalista (IPB/Campo Freudiano). Pós-Doutor em Teoria Psicanalítica (Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ) e em Psicologia (Universidade Federal Fluminense-UFF). Doutor e Mestre em Saúde Coletiva (IMS/UERJ-Universidade Estadual do Rio de Janeiro). Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (DPS/UFS).

conflicto con los significados de fantasía del sujeto.

Palabras-chave: pandemia, Covid-19, trauma, fantasía, discurso

AZAR Y DESORDEN EN LA PANDEMIA DE COVID-19

Resumen

Este ensayo tuvo como objetivo analizar el trauma en la pandemia a través de los conceptos de discurso y fantasía, utilizando el método de investigación bibliográfica. Se discutió el engrosamiento de la transferencia generalizada en relación al discurso médico en la pandemia; el papel de la fantasía en la configuración del evento catastrófico de la pandemia por Covid-19 como trauma psíquico; y se analizaron las características de

la pandemia por Covid-19 favorables a la irrupción del trauma. El ensayo concluye señalando la presencia del desamparo generalizado en la pandemia, contexto favorable a la erupción del trauma, que solo se desencadenará si la catástrofe pandémica entra en conflicto con los significados de la fantasía del sujeto.

Palabras clave: pandemia, Covid-19, trauma, fantasía, discurso

CHANCE AND DISORDER IN THE COVID-19 PANDEMIC

Abstract

This paper aimed to analyze trauma during the pandemic through the concepts of discourse and fantasy by using the bibliographic research method. First, it discusses the widening of the generalized transference regarding the medical discourse during the pandemic. Second, it examines the role of fantasy in shaping the catastrophic event of the Covid-19 pandemic as a psychic trauma. Third, it analyzes the characteristics of the

Covid-19 pandemic favorable to the emergence of trauma. It finally points out the presence of generalized abandonment in the pandemic, a context favorable to the eruption of trauma, which will only be triggered if the pandemic catastrophe conflicts with the meanings of the subject's fantasy.

Keywords: pandemic, Covid-19, trauma, fantasy, discourse

HASARD ET DÉSORDRE DANS LA PANDÉMIE DE COVID-19

Résumé

Cet essai vise à analyser le traumatisme dans la pandémie à travers les concepts de discours et de fantasme, en utilisant la méthode de la recherche bibliographique. Il aborde l'augmentation du transfert généralisé en relation avec le discours médical dans la pandémie, ainsi que le rôle de la fantaisie dans l'élaboration de l'événement catastrophique de la pandémie de Covid-19 en tant que traumatisme psychique. L'article analyse également les caractéristiques de

la pandémie de Covid-19 favorables à l'irruption du traumatisme. L'essai conclut en soulignant l'existence d'une détresse généralisée dans la pandémie, cadre favorable à l'écllosion du trauma, qui ne sera déclenché que si la catastrophe pandémique entre en conflit avec les significations de la fantaisie du sujet.

Mots clés : pandémie, Covid-19, traumatisme, fantaisie, discours.

Recibido: 26/09/2022 • Aprobado: 03/03/2023

Introdução

O presente trabalho visa, balizado pelo seu objetivo geral, analisar a dimensão do real traumático na pandemia da Covid-19 mediante o recurso aos conceitos de discurso e fantasia. Tal recorte foi eleito devido ao fato de que só é possível se aproximar do real traumático pelo simbólico, sendo o discurso e a fantasia estruturas atravessadas de maneira relevante, mas não exclusiva, pelo simbólico. O discurso é um conceito que está mais próximo ao âmbito civilizatório, como é patente no discurso da ciência, visualizado em sua deterioração no discurso do capitalista e criado de uma forma inaudita do discurso do analista. Por sua vez, a fantasia se aproxima do discurso do analista, pois ambos se relacionam ao inconsciente e ao que há de mais singular nos sujeitos.

No início do romance *A peste* (Camus, 1958/ 2020, pág. 13), o narrador da obra fornece uma ilustração da ruptura experimentada no advento de uma pandemia, vinculada ao fator surpresa e à rápida difusão que caracterizam esse tipo de acontecimento. A entrada do personagem Dr. Bernard Rieux é marcada pelo tropeço em um rato morto nas escadas. A pena de Camus narra como os ratos mortos se multiplicarão na cidade de Oran em poucos dias, prenunciando uma epidemia que modificará completamente os ritmos de vida de seus habitantes. Em nossa análise, o rato morto comparece como significante no real, por ser articulado aos efeitos de gozo corporal da doença e por estar fora da cadeia significante (Soler, 2021a, pág. 103). Ademais, esse significante está associado ao estranhamento: o rato é o objeto que não deveria estar ali e que, não só atrapalha o andamento do cotidiano marcado por sentidos fixos e garantias simbólicas, como o subverte e inunda de incerteza a vida dos moradores da cidade outrora guiada pela banalidade dos pequenos prazeres e dos negócios. O roedor condensa o assalto do real que marca uma ruptura com a realidade conhecida: a realidade do Dr. Rieux assentada no saber médico, ordem simbólica que lhe permitia intervir no sofrimento de seus pacientes, ou seja, transmutar o que era da ordem do real da doença em um diagnóstico, o qual permite, a um só tempo, diferenciar dentro de um conjunto de relações (código, pertencente ao registro simbólico), nomear, intervir e controlar. Camus (2020/1958) delineou a

emergência do real nas epidemias, o modo como subvertem os laços e os saberes que estruturam os coletivos humanos. Partindo da cena do “tropeço no rato morto”, refletiremos sobre o imprevisível da pandemia da Covid-19.

Metodologicamente, optamos pela forma-ensaio (Adorno, 2003/1958), pois este gênero literário parece ser o mais propício à expressão do inconsciente e, portanto, à pesquisa em psicanálise. Adorno assinala que o ensaio ocupa um lugar entre os despropósitos. Assim, o gênero ensaístico não se submete a uma ordem pré-estabelecida. Pelo contrário, baseia-se num objeto transitório e reflete sobre questões que o transpassam, sem a pretensão de ser universal; propõe-se assim um pensar fragmentado, que se aproxime dos pedaços da realidade. O ensaísta é aquele que se permite uma deriva no olhar, que vem moldar a leitura do objeto. O ensaio não apenas registra e classifica o objeto, mas faz ressoar algo (um “que se diga”) por trás do que se diz no texto. O ensaio, portanto, é o gênero literário que mais se aproxima das “voltas do dito” e, como forma crítica por excelência, recupera a confiança na experiência do sujeito como critério válido de conhecimento.

Desenvolvimento

O encontro com o Real

No campo psicanalítico, a realidade cotidiana vivenciada pelo *fallasser* é embasada na fantasia, ordenadora da realidade psíquica, e pouco se relaciona com o real (Berta, 2015, pág. 103). O real está atrelado ao impossível de simbolizar que é fundado no ser falante devido ao *traumatismo* constitutivo da inexistência de relação sexual, que condena o ser falante ao gozo sempre incompleto, assim como está atrelado ao traumatismo dos maus encontros (Soler, 2004, pág. 56; 2021a, pág. 30). Os fenômenos relacionados ao real compõem nas bordas exteriores ao campo do simbólico (Laurent, 2004) e, portanto, o real só pode ser abordado por aproximação. Soler (2021b, pág. 11) afirma que o real da Covid-19 é o real da vida orgânica que nos afeta pelo

adocimento e pela morte de um grande contingente populacional, mas que só temos acesso a ele através dos discursos, e, dentre estes, o discurso médico se destaca. O real possui uma relação constitutiva com o trauma, pois ambos geram abalos para as falsas certezas com as quais se sustenta o *falasser*, escancarando o furo constitutivo que o ser falante tenta contornar através da fantasia e dos sintomas desta advindos. Já a realidade é alicerçada na fantasia, constitutiva da realidade psíquica do sujeito, a qual se expressa como uma enenação de desejo, na qual comparece determinado objeto de gozo privilegiado, o qual pode ser um objeto *a* oral, anal, escópico, fálico ou invocante. Na cena fantasmática, revela-se o desejo do sujeito em um delineamento bastante fixo, o que se articula com sua dimensão imaginária, mas há também uma relação com o real, devido à presença do objeto *a*; e uma articulação com o simbólico, pois a fantasia pode ser enunciada como uma frase, conforme assinala Miller (1987, págs. 104-105).

A atualidade do trauma

O trauma não é uma questão nova: a violência, a catástrofe e o imprevisível atravessam inevitavelmente a experiência humana. Contudo, os cuidados voltados aos sujeitos que passaram por experiências traumáticas mudaram significativamente ao longo do tempo. No século XIX, Charcot passou a considerar o trauma como um dos agentes provocadores da histeria. Freud, no início da psicanálise, a partir dos casos clínicos que atendeu, passou a localizar no trauma sexual a origem da neurose, considerando-o em sua facticidade e exterioridade (La Sagna, 2015, pág. 1). Depois, constatou que os traumas sexuais relatados eram baseados, sobretudo, em paramnésias e memórias lacunares, concluindo que se tratavam de fantasias e relegando o trauma a segundo plano na teoria psicanalítica. A partir da eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, o trauma retomará um papel de destaque na teoria psicanalítica. Nesse momento, a comunidade psicanalítica enfocou a questão do trauma a partir das neuroses traumáticas, haja vista que muitos desses psicanalistas eram médicos e foram convocados a atuar no *front*. Importantes modificações na teoria psicanalítica que engendraram o segundo dualismo pulsional com a criação do conceito

de pulsão de morte decorreram do estudo das neuroses traumáticas. Após a Segunda Guerra Mundial, a despeito dos inúmeros traumatismos vivenciados nos *fronts* e campos de concentração, não houve grandes alterações no tratamento conferido ao trauma (Laurent, 2004).

Laurent (2004, pág. 21) e Soler (2004, pág. 45; 2021a, pág. 21) assinalam que o trauma é uma temática muito propagada na contemporaneidade, sendo comentado no senso comum, mas também em diversas instituições como as de saúde, as jurídicas e as previdenciárias. Tal disseminação do conceito de trauma, o qual saiu da esfera estrita da psiquiatria militar para o debate público mais abrangente, data da Guerra do Vietnã e da grande proliferação das neuroses traumáticas entre os veteranos (Laurent, 2004, pág. 22). Na atualidade, multiplicam-se os riscos de trauma do real articulados à ameaça à vida e a pandemia da Covid-19 é um evento com enorme potencial traumático vinculado a esse tipo de ameaça (Soler, 2021b, pág. 10). No nível coletivo, o acontecimento da pandemia, que por si só favorece a eclosão do trauma, será interpretado de acordo com o discurso que estrutura o laço social (Lacan, 1992/1969-1970), o qual na atualidade é caracterizado pela predominância do discurso capitalista e pela importância conferida ao discurso da ciência, na medida em que este é colocado a serviço daquele. Tal hegemonia do discurso do capitalista é acompanhada pela multiplicação dos significantes-mestres (S1) no âmbito da civilização e tal estado do discurso engendra uma diminuição do limiar do que é considerado traumático, por afrouxar o laço social e erodir o solo dos sentidos compartilhados (Soler, 2021a, págs. 14-15). Ante o enfraquecimento prévio da dimensão coletiva e a ascensão do indivíduo como valor precípua em grande parte do Ocidente (Soler, 2012, pág. 110) não causa espanto a dificuldade que muitas democracias tiveram para engatar as medidas sanitárias de contenção da pandemia, as quais dependiam, não só de decretos governamentais como ocorreu nas autocracias (Laurent, 2020a), mas de cálculos coletivos em prol da saúde pública (Bassols, 2020a), nos quais a ética individual estaria articulada à pulsão de vida e a seu papel de agregação (Freud, 2010/1920, pág. 160), fortalecendo o laço social. É importante também assinalar que a

pandemia em curso é a primeira da história em que as medidas sanitárias geraram o confinamento quase simultâneo de toda população global (Soler, 2021b, pág. 24), diferindo das iniciativas de confinamento à época da assim chamada Gripe Espanhola, que foram abandonadas devido à persistência da Primeira Guerra (Laurent, 2020b).

$$\downarrow \frac{\$}{S_1} \times \frac{S_2}{a} \downarrow$$

Figura 1. Discurso do capitalista

Fonte: Quinet (2009, pp. 38-39).

O discurso do capitalista é um falso discurso, pois esgarça o laço social e liquefaz os semblantes, dentre os quais os ideais. Esse ‘discurso’ é caracterizado pela relação prioritária do *falasser* com os objetos mais-gozar, sendo a relação com o outro regida pelo benefício próprio e pela redução do outro a um objeto de gozo, que como mercadoria, pode ser descartado e trocado. Portanto, ao esvaziar o mundo dos semblantes dos rituais e ideais partilhados, o discurso do capitalista torna o *falasser* mais vulnerável ao trauma à medida em que dificulta a simbolização, favorecendo a diminuição do limiar traumático haja vista que lega ao *falasser* a tarefa de inventar uma solução singular para, a cada vez, lidar com os encontros típicos da existência (Soler, 2021a, págs. 14-15).

Laurent (2004, pág. 21), por sua vez, atribui ao discurso da ciência a inflação diagnóstica do trauma. O discurso da ciência, o qual já possuía antes da eclosão da pandemia da Covid-19 um papel central no arranjo civilizatório, busca ordenar o gozo por leis e fórmulas, pertencentes ao registro simbólico (Quinet, 2009). Com o advento da pandemia, é potencializado o papel de suposição de saber e, por conseguinte, a transferência generalizada com um dos mais difundidos expoentes do discurso da ciência, o discurso médico (Soler, 2021b, pág. 25): os saberes da epidemiologia embasaram decisões governamentais que influenciaram diretamente a realidade cotidiana dos sujeitos (Laurent, 2020a) e o discurso médico, o qual está incutido na formação hegemônica dos profissionais de

saúde, malgrado a forclusão da subjetividade, lutou para cumprir sua função primordial articulada à preservação da vida e, logo, à pulsão de vida (Moretto, 2002, pág. 64), freando parcialmente a multiplicação do real da morte e da doença. Frisamos que o discurso da ciência foraclui a subjetividade em sua singularidade radical, pois mesmo com a produção célere e em grande monta de saberes e com o progressivo domínio, pela via do sentido, do outrora desconhecido vírus Sars-CoV-2, não é possível anular completamente o real traumático vinculado à pandemia (Bassols, 2020a), pois este tem relação com a maneira com a qual a tela da fantasia de cada um tenta dar contorno a esse real.

O discurso da ciência pode ser aproximado de mais de um discurso. Quando o discurso da ciência é vinculado ao discurso universitário, será comandado pelo semblante de tudo saber (S2) (Quinet, 2009, pág. 20). De forma sucinta, é possível definir o discurso universitário como um laço social governado pela dominante de tudo saber (S2), na qual o outro é tomado como objeto de estudo (*a*), o produto é o sujeito barrado que sintomatiza ou se rebela ante a posição de objeto que esse laço lhe reserva e a verdade do sujeito (S1) é rejeitada como obstáculo ao objetivo de tudo saber (Lacan, 1992/1969-1970). O imperativo de tudo saber pode ser assim formulado: “Saiba sobre tudo, sem nada deixar escapar” (Quinet, 2009, p. 20). O semblante de tudo saber está assentado no binômio de predição e controle que busca preencher a falta e, portanto, nesse discurso da ciência universitária, tudo que escapa a esse binômio será alocado como trauma (Laurent, 2004). Considerando que Jacques Lacan não apresentou uma fórmula do discurso da ciência e que elegemos nesse trabalho aproximar o discurso da ciência do discurso universitário devido à importância do imperativo de tudo saber e da exclusão da verdade do sujeito para a disseminação do que é considerado traumático, apresentamos abaixo a fórmula do discurso do universitário.

$$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$$

Figura 2. O discurso do universitário

Fonte: Quinet (2009, p. 29).

Há uma singularidade do discurso analítico que consiste em enfocar o outro como sujeito, buscando escutar os significantes-mestres que determinam sua história particular sem apresentar-lhe ideais para remediar o gozo atroz ligado ao trauma, contrastando com os demais discursos que embasam as instituições civilizatórias. O discurso do analista possui como agente/semblante o analista, que ocupará nesse laço o lugar de objeto a (a), o que significa se fazer opaco para que a dimensão inconsciente do analisante irrompa. A partir desse semblante, o analista se dirige ao analisante, sujeito barrado ($\$$), para que este produza os significantes-mestres (S_1) de sua história, pelos quais o sujeito se representa (Soler, 2012) e através dos quais será possível produzir um saber sobre o sofrimento daquele sujeito. A verdade que move esse discurso é o saber acerca da castração e da inexistência de relação sexual (S_2).

No contexto da pandemia, constata-se e prevê-se um aumento significativo no número de questões e demandas de saúde mental. Via de regra, a saúde mental está articulada ao discurso da ciência, via saber psiquiátrico, o qual traz um saber generalizante acerca do sofrimento psíquico, codificando-o como transtorno mental e tendendo a desconsiderar a singularidade. A psicanálise opera de modo distinto como é ilustrado pelo discurso psicanalítico, contudo, embora sejam campos heterogêneos a psicanálise tem com a saúde mental uma relação de borda (Birman, 2020, pág. 156): ela também gera efeitos, não obstante por vias distintas, de minoração do sofrimento psíquico. Em relação à pandemia, a psicanálise não suporá um real traumático partilhado de forma uniforme e que resulta dos fatores de risco à saúde mental presentes no confinamento, mas buscará entender de que forma cada um processa, através de sua fantasia, o real que o termo pandemia tenta dar contorno.

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Figura 3. Discurso do analista

Fonte: Quinet (2009, p. 29).

Ao considerar o outro como sujeito, o discurso analítico viabiliza uma análise original do trauma, que considera a implicação subjetiva no gozo decorrente do trauma (Soler, 2004, pág. 48), assim como possui um entendimento de exterioridade e interioridade diferenciado (Laurent, 2004, pág. 24), baseado na figura topológica da banda de *Moebius*, na qual externo e interno se atravessam e se misturam. Trata-se, portanto, de um discurso subversivo, como aponta Ferri (2020, pág. 41), pois considera o trauma, em sua articulação de furo, sem buscar tamponá-lo com ideais.

A elucidação do papel da singularidade na constituição do trauma é fundamental para a pesquisa psicanalítica, pois viabiliza diferenciar o conceito de trauma, referente ao ser falante, do conceito de traumatismo (Rousseau-Dujardin, 1996, págs. 558-559) ou catástrofe (Birman, 2020, pág. 13), atrelados a eventos externos e reconhecidos socialmente como perigos factuais. A pandemia, com todas as inesperadas e radicais mudanças que engendrou nos modos de vida, assim como pela mortalidade que gera, constitui uma catástrofe, porém o trauma vivenciado será diferente para cada *falasser*, sendo cada modo de desestabilização e de resposta subjetiva singular (Gallano, 2020, págs. 159-160) determinado pelos alicerces construídos na primeira infância via fantasia fundamental, a qual fornece o enquadre que determinará às relações do ser falante consigo, com o mundo circundante e com o outro (Coutinho Jorge, 2010, págs. 241-242). Freud (2014/1926, págs. 115-116) aponta que um perigo externo só será configurado como trauma se lançar o sujeito numa situação de desamparo, extrapolando os recursos psíquicos deste para manejar o perigo. A pandemia configura um aglomerado de perigos externos potencializados pela gravidade e pelo caráter repentino, mas seu caráter traumático dependerá de como o sujeito estabelece relação, mediado pela fantasia, com esse evento.

Encerrando esse subtópico, acrescentamos que, conquanto o entendimento psicanalítico do trauma seja mais nuançado que a compreensão do trauma como dano que atinge de forma externa o *falasser*, é importante marcar o papel civilizatório de tais procedimentos de restituição às vítimas, os quais atualizam a existência de um Estado democrático, sem o qual é impossível o discurso analítico operar.

Destacamos também o papel do Estado democrático em fornecer o mínimo de condições para atenuar o desamparo do *fallasser*, impedindo que se some ao desamparo estrutural o desamparo do Outro social. Laurent (2004, p. 23) define o Estado democrático como aquele que não “abandona seus cidadãos” e consideramos que determinadas políticas públicas podem favorecer a construção de saídas para o desamparo que não sejam predominantemente marcadas pelo mal-estar, pois se sabemos que o desamparo estrutural dos seres falantes é irremediável, ele se beneficia em alguma medida de paliativos. Nos tempos do Outro que não existe, haja vista a fragilização do laço social e transmutação da saúde em mercadoria, o desamparo estrutural é duplicado pelo desamparo generalizado que figurou na pandemia na fragilidade dos sistemas de saúde em cuidar dos sujeitos e ampará-los no adoecimento, pois a mercantilização da saúde engendra a escassez e a privação desse bem essencial para muitos (Ferrari et al., 2020, pág. 574). Como ilustração desse contexto temos o veto inicial do governo federal à Lei 14.128/21 (Presidência da República, Brasil, 2021) que estabelece indenizações a profissionais de saúde incapacitados permanentemente pela Covid-19, sendo tal veto um ato entre inúmeros de um governo que sistematicamente precarizou as instituições democráticas de seguridade social, ampliando o desamparo generalizado a ponto de agravá-lo em desamparo radical (Ferrari et al., 2020, págs. 574-575). Os profissionais de saúde que atuaram na linha de frente, embora arriscassem suas vidas e a de seus próximos, por vezes trabalhando até a exaustão, não obtiveram reconhecimento do Outro governamental. Esse caso pode ser pensando a partir do desamparo generalizado: quando o sujeito percebe que não tem lugar no Outro. Pensamos que uma parcela significativa da população brasileira vivenciou o desamparo generalizado durante a pandemia da Covid-19, sendo tal contexto favorável à irrupção do trauma.

A singularidade do trauma

Com a irrupção da pandemia, Birman (2021, pág. 139) destaca a relevância da questão do trauma. Na atualidade pandêmica, o conceito de trauma é uma importante ferramenta teórica para a psicanálise devido às suas articulações com o real da morte e, como o impossível de representar, e com a fantasia, que funciona como uma tela a pro-

teger do real, balizando em sua especificidade as distintas posições assumidas pelos *falasseres* na pandemia (Soler, 2004). Sobressai-se também no estudo do trauma suas relações constitutivas com o sintoma, o qual é uma modalidade de resposta ao real do trauma (Soler, 2021a, pág. 59).

No discurso analítico, trabalha-se com uma outra escuta do trauma: o trauma consiste em uma ruptura que não somente incide no sujeito, mas que também o implica. Mesmo quando tal ruptura possui uma origem externa e independente das ações e do agir do *falasser*, como é o caso da eclosão da pandemia, o trauma não se limita a um acontecimento caracterizado pelo mau encontro. Miller et al. (2006, pág. 81) ressaltam a dimensão singular do trauma ao afirmar que o que constituirá o trauma é o conflito entre o acontecimento caracterizado pelo mau encontro e um dito essencial na vida do *falasser*, vinculado à fantasia do sujeito (Soler, 2021a). O trauma se origina do abismo que se abre entre o real sem lei do acontecimento e o mundo antes ordenado pelo discurso do Outro e que, a partir da eclosão do trauma, transmuta-se em um mundo no qual prevalece a dimensão do sem-sentido (Miller et al., 2006, pág. 82). Há, portanto, uma novidade ética ao lidar com o trauma, pois a psicanálise opera com a paradoxal implicação do *falasser* sobre os traumas que lhe sobrevém, pois abordará o trauma a partir de suas relações com a fantasia (Soler, 2004, pág. 45), favorecendo a operação de retificação subjetiva, a qual viabiliza o reconhecimento da responsabilidade do sujeito nas agruras de que se queixa (Lacan, 1998/1958, pág. 602).

Soler (2004, p. 26) define o traumatismo como “real que nos cai na cabeça, impossível de ser antecipado”. Brousse (2020a) relaciona o trauma ao acontecimento que não poderia ter ocorrido. O trauma é claro produtor de desprazer para todas instâncias psíquicas, estando além do princípio do prazer e articulado à pulsão de morte como força disruptiva (Freud, 2010/1920). O impossível de antecipar remete à ausência de angústia antecipatória, a qual prepararia o *falasser* para lidar com o acontecimento. A ausência da angústia antecipatória resulta na incidência do acontecimento no psiquismo como um excesso destrutivo, como fica patente na metáfora freudiana da “ruptura da barreira contra estímulos” (Freud, 2010/1920, p. 141). Nos idos

de março de 2020 no Brasil, o *falasser* seguia em sua rotina marcada pelo *automathon*, sustentado nos automatismos significantes de sua fantasia, até que sobrevêm uma inesperada marretada de contingências alheias a si: um ser que está na fronteira entre o animado e o inanimado causador de uma doença nova e, à época, ainda muito imprevisível e sem saberes capazes de amparar contra o adoecimento e a morte provocados pelo vírus (Abreu et al., 2020, pág. 83) somado a um governo cuja gestão deixa a população em desamparo generalizado (Ferrari et al., 2020, pág. 575). Subitamente, abandonou-se o trânsito em espaço público, recolhemo-nos em nome do imperativo sanitário de isolamento social e o que parecia imutável no cotidiano se desfez para reaparecer na modalidade virtual. Iannini et al. (2021, págs. 89-90) também destacaram a importância do fator surpresa no advento do real pandêmico.

A psicanálise considera que no trauma há uma relação complexa- logo, não dicotômica- entre interior e exterior (Laurent, 2004). O inconsciente do *falasser* é constituído pelo discurso do Outro (Lacan, 1998/1953), Outro que é a alteridade do ser falante, mas que também lhe constitui no mais íntimo. É sobre essa diluição de fronteiras entre o interno e externo constitutiva do inconsciente que o conceito lacaniano de *extimidade* versa (Bassols, 2020b). Para elucidar essa relação de extimidade entre interno e externo, será necessário abordar as duas dimensões do trauma. Há uma dimensão estrutural e outra contingente. A dimensão contingente do trauma é a única percebida pelo discurso comum, sendo tal vertente de mais fácil localização. O trauma contingente se relaciona às agressões ao corpo vivo (Soler, 2021a) e, na pandemia da Covid-19, é possível elucubrar que ele incide sobre o coletivo, na medida em que a circulação no espaço social se transmutou em uma fonte de perigos acentuada e letal para a homeostase vital. O trauma é uma força disruptiva impulsionada pela pulsão de morte e, como tal, gera mudanças: destrói o que na superfície parecia a homeostase cotidiana e instaura um novo funcionamento. Em face desse trauma contingente da fácil transmissão do SARS-CoV-2 que promoveu uma subversão radical e súbita no *ethos* dos seres falantes, os saberes sanitários sobem ao centro do palco social, assentados no discurso da ciência, na tentativa de dar algum contorno a um real que se manifestava de forma violenta.

As sequelas do trauma serão vivenciadas pelo ser falante a partir da tela de sua fantasia (Soler, 2021a, págs. 66-67). No decorrer da obra freudiana, assim como da lacaniana, as dimensões do trauma são ampliadas e o conceito de trauma passa a abarcar tanto os eventos contingentes das catástrofes e outros tipos de maus encontros com o real, quanto o trauma como estruturante do psiquismo, e, portanto, operador necessário. Freud (2014/1926) articula o trauma ao desamparo, caracterizando o trauma como momento no qual o ser falante vivencia uma inundação de angústia e nesse momento, nesse instante de paroxismo da angústia, o *falasser* assume uma posição passiva. Modificando sua teorização anterior, Freud (2014/1926, págs. 115-116) estabelece que a angústia, marca afetiva posterior ao trauma, é que motiva o recalque. Soler (2021a, pág. 47) destaca, no seu comentário do texto freudiano “Inibição, sintoma e angústia” que toda neurose é traumática, pois o trauma motiva o recalque, defesa contra a realidade psíquica que estrutura a neurose.

Lacan também conceituará o trauma como estruturante do psiquismo através da fabricação do neologismo *troumatisme* (Soler, 2021a). *Trou*, vocábulo do idioma francês, pode significar lacuna, falta, vazio. Lacan realizou um trocadilho, inserindo esse vocábulo no interior de outro, *traumatisme*, que significa trauma. O *troumatisme* decorre das falhas no Outro, que são tanto da ordem do gozo quanto do significante. O Outro não detém um saber acerca do sentido do real do sexo e da vida, e, portanto, não fornecerá as respostas que estancariam o desamparo constitutivo do *falasser*. Esse buraco no Outro é transmitido ao *falasser*, gerando a forclusão do real do gozo e abrindo o *trou* que determina a inexistência de relação sexual e o encontro traumático com o real do sexo (Soler, 2021a, pág. 74). Ante o *trou*, desamparo inarredável dos seres falantes, é tecida a fantasia (Soler, 2021a, pág. 17), restando ao ser falante saber lidar com (*savoir-y-faire*) Isso que não cessa de não se escrever. O saber lidar com passa pela invenção de uma saída singular, partindo da fantasia como solo estruturante, pela via do *sinthoma*, o qual se caracteriza pela dualidade de trazer tanto sofrimento quanto estabilização, sendo a criação artística uma das vias de fazer *sinthoma* (Miller, 2008). Coutinho Jorge (2010, pág. 249) aproxima o conjunto que engloba o vaso, que comporta em sua estrutura um vazio, e as flores que podem ser ali colocadas da

fantasia: trata-se da junção entre o vazio e os objetos eróticos que são colocados ali na tentativa sempre ilusória de preenchê-lo.

A face contingente do trauma é denominada de acidente traumático (Berta, 2010). A pandemia se configura como acontecimento traumático, na medida em que deflagra um furo na civilização atual e em cada *fallasser* particular, gerando uma abrupta descontinuidade (Iannini et al., 2021, pág. 78; Macêdo, 2020). O acontecimento traumático estilhaça o funcionamento psíquico do *fallasser*: o princípio do prazer é colocado em suspenso até que a compulsão à repetição permita que a cena traumática, que retorna no real- seja dos *flashbacks* da vigília ou nos sonhos noturnos- seja simbolizada (Berta, 2010, pág. 61; Freud, 2010/1920, pág. 141). O buraco na simbolização é apontado por Macêdo (2020) ao assinalar a insuficiência das palavras, insuficiência estrutural que se apresenta de forma notória ante as irrupções do real. A contingência do acidente, que em seu excesso arrebenta a possibilidade de passar ao simbólico e promove a forclusão (Soler, 2021a, pág. 66), e as repetições que a ele se seguem são tomados como uma verdade absoluta, que fecha a demanda de saber sobre a causa. É o real do trauma que em sua árida repetição do desprazer parece limitar o funcionamento do simbólico, caracterizado pela variabilidade de significados nas relações entre os diferentes significantes da cadeia. O momento do acidente traumático é um advento do real, e por isso, como marca do real é um estigma que não se vincula, não tece ligações, não se associa a outros significantes, que permitiriam conferir sentido ao inesperado do trauma (Soler, 2021a). O contingente será elevado ao estatuto de verdade, produzindo no ser falante o engodo de que sua verdade é circunscrita ao saber relacionado ao trauma (Ferrari et al., 2017, pág. 176).

A temporalidade do trauma

A temporalidade é um fator de suma importância para o acontecimento traumático, pois o trauma está ligado à persistência infernal de uma memória (Bogchvol & Teixeira, 2017, pág. 208) e o desencadeamento do trauma envolve dois acontecimentos, em que o mais antigo atua retroativamente, definindo o significado do segundo evento. Eis o efeito *a posteriori* que constitui a lógica retroativa da temporalidade

do trauma (Freud, 2006/1896). Começemos pelo acontecimento mais recente na temporalidade do trauma. O acidente traumático se vincula à temporalidade do instante, conquanto se apresente ao psiquismo como um instante eterno, posto que esse instante da cena traumática congelará para o *falasser* (Soler, 2004, pág. 55). Tal eternização da cena traumática gera significativas alterações na função psíquica da memória, chegando ao extremo nas neuroses traumáticas de impossibilitar o esquecimento, o qual é uma função necessária da memória e sem a qual o *falasser* terá suas relações com novos estímulos prejudicada, sejam estes oriundos do mundo externo ou da pressão pulsional, haja vista que o abarrotamento das representações ligadas ao acontecimento traumático no psiquismo prejudica a recepção e o registro de novas representações (Bogchvol & Teixeira, 2017, pág. 208), o que possui impacto desorganizador haja vista que o aparelho psíquico tem como alicerce traços de memória fixados no inconsciente (Freud, 2010/1915).

Esse primeiro instante do acontecimento traumático, denominado por La Sagna (2015, pág. 3) de acontecimento bruto e que articulamos com a expressão “golpe do real” (Soler, 2021a, pág. 66) em sua circunscrição temporal, é o primeiro tempo do trauma. Em relação ao primeiro tempo do trauma, poderíamos empregar o termo assalto do real, pois ele abarca o excesso de estímulos do trauma, a dimensão de inesperado dos assaltos, seja nos atos de guerra ou na violência entre civis, sua dimensão destrutiva (gerando um cataclismo no funcionamento psíquico) e o seu caráter invasivo. Ademais, o termo “assalto” implica diretamente outrem, o Outro constitutivo na cena traumática. Contudo, o acontecimento somente se configurará como trauma no segundo tempo, sendo o trauma determinado *a posteriori* (La Sagna, 2015). Até o primeiro momento, o que há tão somente é o mau encontro, a catástrofe (Soler, 2021a). O primeiro momento do trauma pode ser relacionado ao primeiro momento do tempo lógico formulado por Lacan (1998/1945), o instante de ver (Berta, 2015, pág.103).

Lacan (1998/1945) delinea os tempos lógicos com o intuito de pensar uma temporalidade para a análise, que visa decifrar e trazer à consciência os processos atemporais do inconsciente. Também é possível aplicar o tempo lógico às experiências dos seres falantes fora do

setting analítico. São três tempos, os quais não são lineares e podem ocorrer de forma concomitante. O instante de ver é marcado por uma evidência que não permite ainda formular uma hipótese: é o momento em que a lógica está presa àquilo que se apresenta à percepção, com tudo que os sentidos têm de parcial e enganoso. No instante de ver, o afeto percebido pode ser tomado como evidência, quando, na maior parte dos casos e com a exceção única da angústia, os afetos enganam em relação ao significante com o qual originalmente se articularam (Soler, 2012, pág. 11). O tempo de compreender está ligado à duração de uma meditação, implicando a reflexão demorada e a produção de um novo sentido. A mudança no sentido, incidindo na definição do ser falante, é feita levando o Outro em consideração. O momento de concluir tem uma função de pressa com o intuito de colocar um ponto de basta na deriva da decifração, que sem essa urgência poderá permanecer deambulando, em uma deriva na cadeia significante que tende ao infinito (Lacan, 1998/1945), pois o final de análise leva o ser falante à destituição subjetiva, o que implica a travessia, feita paulatinamente e pela via do significante, do sentido para o campo do sem-sentido (Soler, 2012). O momento de concluir se relaciona à assertividade e à ação, momento no qual o ser falante implica seu Eu em seus atos. No momento de concluir, o ser falante se apresenta em sua separação do Outro, assumindo-se via ato, com toda a aposta e risco que o ato implica (Brousse, 2020b).

Berta (2015) ao abordar a urgência subjetiva traçará os elos desta com a angústia, o trauma e a temporalidade subjetiva. No contexto do trauma, a autora relaciona o instante de ver com o impacto de algo que interfere no enquadre da janela fantasmática sobre a qual se sustentava o *fulasser*, colocando o enquadre da fantasia em pausa, com alteração no curso temporal, presença de angústia e sufocamento da demanda. A relação com a fantasia é fundamental na definição de urgência, pois a urgência é definida, consistindo em uma leitura do real realizada de acordo com o simbólico, no qual está implicada a fantasia do sujeito (Soler, 2021b, pág. 11).

Berta (2015) assinala que no instante de ver prevalece o tropeço com uma contingência que gera uma ruptura na trajetória usual do sujeito, o qual seguia em sua vida cotidiana com certa previsibilidade

consoante às coordenadas imaginárias e simbólicas da sua fantasia. Tal contingência configura um “momento de impacto que força as bordas da janela fantasmática- do enquadre da realidade psíquica. Tempo de suspensão das coordenadas, instante indelével que fratura a temporalidade em um taxativo antes e depois. Instante marcado pelo afeto da angústia” (Berta, 2015, p. 103).

Há uma relação íntima entre trauma e permanência no instante de ver. Vilanova (2020) e Macêdo (2020) apontam a importância do instante de ver no acontecimento da pandemia, assinalando as limitações desse instante e fornecendo subsídios para aproximar acontecimento traumático e delonga no instante de ver. Vilanova (2020) apontou a necessidade de acessar o tempo de compreender de modo concomitante ao tempo de ver. Macêdo (2020, p. 4) assinala que a produção do seu escrito foi realizada no instante de ver, ante o traumático trazido pela pandemia, e aponta as limitações de entendimento que daí decorrem: “estas linhas foram escritas no calor de um instante de ver (...) falta-nos parâmetros para dimensionar o que quer que seja”. Sob o impacto do assalto do real que é o acontecimento traumático, que gera um furo, o *falasser* recorre ao imaginário, limitando-se ao sentido único do que sua percepção lhe apresenta reiteradamente da cena traumática, como se a verdade que determina o seu ser equivalesse ao saber sobre o evento traumático. Fecha-se a interrogação, obtura-se a dimensão da incógnita que relacionaria o sofrimento decorrente desse assalto do real que se abateu sobre o *falasser* com o que há de mais singular de seu desejo, condensado e encenado via fantasia (Berta, 2010, pág. 57; 2015). Nesse instante de ver, está fechada a demanda ao analista acerca de um saber a respeito do próprio padecimento: o *falasser* julga saber a verdade sobre seu sofrimento, a verdade desse gozo que lhe afeta. Os obstáculos à formulação da demanda também se articulam ao papel de silenciamento presente no trauma, haja vista que seu excesso de estímulos direciona o simbólico para a compulsão à repetição, empobrecendo a capacidade de colocar em palavras. Nesse sentido, ante o assalto do real trazido pela pandemia, a passagem ao tempo de compreender é de suma importância (Vilanova, 2020), pois nesse momento a questão do ser falante é formulada como incógnita e sobre ela o ser falante se detém numa reflexão que visa ao sentido (Lacan, 1998/1945).

Brousse (2020b), diferindo de Macêdo (2020) e Vilanova (2020), considera que na pandemia não houve instante de ver por causa da estranheza e rapidez que marcaram sua irrupção. Para a autora, tragados pelo tsunami pandêmico, os seres falantes não tiveram o tempo de ver e aponta que esse tempo de ver dar-se-á *a posteriori*. Precipitou-se um longo tempo de compreender, de formulação das mais diversas hipóteses e construções de sentido. Nesse tempo de refletir e comparar, avultaram o número de fantasias para conferir sentido ao real que o vírus traz (Bassols, 2020a). Nesse ínterim de multiplicação de sentidos na pandemia, demonstrando os enormes furos provocados nos discursos da ciência e do capitalista e a sua confusão ante a multidão de sentidos, as medidas de prevenção e contenção do coronavírus tiveram sua adoção atrasada por muitos estados brasileiros. O tempo de concluir marcaria a lógica assertiva, na qual o ser falante assumiria seus atos e se responsabilizaria pela saúde coletiva através de suas ações concretas (Brousse, 2020b).

No segundo momento, *a posteriori*, o acontecimento atual será significado a partir de um acontecimento primevo da experiência infantil, indicando haver no psiquismo uma prevalência dos significados infantis sobre os atuais (Ferrari et al., 2017). Considerando que a fantasia possui um conteúdo infantil que lhe é estruturante, além de constituir o enquadre estável da realidade psíquica (Berta, 2015; Soler, 2004), a fantasia influi no curso do trauma. O incidente catastrófico atual será interpretado segundo as coordenadas da fantasia do *falasser*, sendo um momento no qual o real ainda prevalece, mas há uma tentativa de ligação a outros significantes, de acordo com a estrutura da fantasia, e no qual serão determinadas as sequelas do trauma, campo no qual a clínica psicanalítica pode intervir (La Sagna, 2015; Soler, 2021a). Em consonância à temporalidade *a posteriori*, na qual predomina a significação retroativa, mesmo o acontecimento traumático mais brutal do presente se associa às experiências passadas infantis, estruturantes da fantasia, sendo os sintomas presentes fruto da interação entre presente e passado, unidos através de um elo associativo inconsciente (Ferrari et al., 2017). Na esteira das considerações sobre a hegemonia da experiência infantil, Freud (2014/1926) apontou que mesmo as neuroses de guerra só são deflagradas com a participação do inconsciente cujo cerne é o passado infantil. É per-

tinente destacar que as associações inconscientes seguem as leis do processo primário, caracterizado pela mobilidade da libido, assim como pelas condensações e deslocamentos ao longo da cadeia significativa, do que decorre que o elo associativo entre os acontecimentos que constituem o trauma pode estar escamoteado à primeira vista.

Considerações finais

Visamos nos aproximar do real traumático da Covid-19 através do recurso aos conceitos de fantasia e discurso. A relevância dessa abordagem está articulada à grande mortalidade, adoecimento e sequelas físicas e psíquicas deixadas pela pandemia da Covid-19, além dos efeitos disruptivos sobre o já esgarçado laço social e sobre o funcionamento psíquico dos sujeitos. O vírus, como real da vida orgânica, foi abordado a partir do discurso médico, um expoente do discurso da ciência em relação ao qual há uma transferência generalizada. Destaca-se que nos primórdios da pandemia a novidade da doença fazia furo no discurso médico, diminuindo a capacidade de amparo ofertada por esse discurso. Contudo, esse discurso também serve ao discurso do capitalista e disso decorre que, por vezes, os saberes do discurso médico foram ignorados em prol do imperativo de salvar a economia, máxima que revela que os freios à pulsão de morte fornecidos pelo discurso da ciência durante a pandemia estiveram enfraquecidos pelos próprios efeitos da hegemonia do discurso do capitalista, engendrando um cenário que fornece inúmeras contingências favoráveis à irrupção do trauma, ao desenhar um cenário de, no mínimo, desamparo generalizado, chegando, por vezes ao desamparo radical pois a saúde se tornou um bem escasso pela própria precarização do SUS: não havia leitos suficientes e não houve preocupação do governo federal em ampliar o número e, assim, algumas vidas, na prática, foram destituídas de valor para o Outro. Ademais, outro efeito do discurso do capitalista, o hiperindividualismo, determinou a baixa adesão às medidas sanitárias nas democracias, pois o gozo é de maior valor nesse discurso que a vida do outro, alçado à posição de objeto descartável. O discurso do capitalista também colaborou com o esvaziamento de sentidos coletivos para a pandemia: os Uns sozinhos

tiveram que inventar suas próprias soluções face à contingência do trauma pandêmico.

O discurso do analista tem algo a contribuir com o tratamento do real traumático que decorreu do acaso da irrupção da pandemia através da especificidade que o caracteriza: a consideração da fantasia no delineamento das respostas singulares à catástrofe pandêmica, a abordagem da relação complexa entre face estrutural e contingente do trauma e a consideração da temporalidade do trauma. Para a psicanálise, a resposta frente à contingência catastrófica da pandemia está articulada à fantasia. A face contingente do trauma na pandemia é patente e se relaciona com o inesperado da ruptura que a pandemia gerou no laço social e nos modos de vida: refere-se ao dan-tesco número de mortes, adoecimentos e sequelas atrelados à infecção pela Covid-19; ao desemprego e pauperização das condições de vida; aos efeitos de sofrimento psíquico decorrentes das necessárias medidas sanitárias de contenção da pandemia etc. A pandemia só será traumática para determinado sujeito quando a referida dimensão contingente romper o enquadre de sua fantasia- a qual pode ser sintetizada em um dito axial para o sujeito- inviabilizando o manejo desse excesso mortífero, vivenciado como árida repetição do sofrimento, pela via da atribuição de sentido, engendrando um mundo no qual prevalece o sem-sentido. Por conseguinte, a pandemia não será traumática para todos e quando traumática, engendrará respostas sintomáticas diferentes ao real do trauma, estando o caráter de tais sequelas do trauma vinculado à fantasia, a qual por sua vez já configura uma solução para o trauma estrutural. Destacou-se também no potencial traumático da pandemia o incipiente saber científico sobre a doença e o caráter inesperado de sua irrupção: de repente, estavam todos confinados, em uma posição passiva marcada pela restrição do campo de ação, e os sujeitos se viram confrontados com uma angústia excessiva ante um perigo invisível, que parecia ubíquo e portanto demandava um grande gasto de energia, seja para evitar a interação com o outro sem a mediação da distância e da máscara, seja na higienização de superfícies (as quais, como hoje se sabe, possuem baixo potencial de contágio), além de ser um perigo vinculado à destruição do próprio corpo, seja via adoecimento, hospitalização ou morte.

Para pensar o fator temporalidade em sua ligação com o real traumático da pandemia é importante frisar que a pandemia ainda não acabou, do que decorre que carecemos de distanciamento temporal para apreender com maior clareza suas implicações nos sujeitos e no laço social. Enquanto alguns autores apontaram, em relação aos primórdios da pandemia, que havia uma permanência no tempo de ver, outros apontaram que o tempo de ver não aconteceu, como se tivesse sido eclipsado pelo acaso e ruptura da pandemia da Covid-19 que se disseminou com os céleres passos da vida globalizada. Entre a persistência infernal da memória das cenas em que os sistemas de saúde colapsaram e as pessoas morriam sufocadas para serem enterradas em valas comuns nessas tristes terras brasileiras e a multiplicação de sentidos, via saberes e fantasias, sobretudo aquilo que concernia ao vírus, concluimos provisoriamente, considerando que ainda não nos distanciamos do calor do momento (Macêdo, 2020, p.4), que a pandemia produziu um furo na realidade anteriormente conhecida via radicalização da fragmentação do laço social que já estava em curso pelos efeitos do discurso do capitalista em sua versão neoliberal. Porém, em consonância com a psicanálise, é importante não esquecer, mas elaborar mesmo com todo o desprazer de encarar o traumático. Restam questões sobre que furo é esse e finalizamos delineando uma delas: como se configurarão nos anos vindouros a relação entre a radicalização supracitada e as rupturas que irromperam na pandemia?

Referências

- Abreu, D. N., Kyrillos Neto, F., Pires Calzacara, M. G., Sobrino Laureano, P., Calasanz, R., Chaves, W. C. (2020). Freud um século depois: trauma, pandemia e urgência subjetiva. *Revista aSEPhallus de Orientação Lacaniana*, 15(29), 71-91. http://www.isepol.com/asephallus/numero_29/pdf/05%20-%20DOUGLAS%20ABREU.pdf
- Adorno, T. (2003/1958). O ensaio como forma. In *Notas de literatura* (pp. 17-45). Editora 34.
- Bassols, M. (2020a). O que podemos encontrar no final do túnel? *Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*. https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/05/15/o-que-podemos-encontrar-no-final-do-tunel/

- Bassols, M. (2020b). A lei da natureza e o real sem lei. *Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*. https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/03/26/a-lei-da-natureza-e-o-real-sem-lei/
- Berta, S. L. (2010). Do trauma ao traumatismo. *Stylus*, (21), 57-70. <https://www.campolacaniano.com.br/revista-stylus/>
- Berta, S. L. (2015). Localização da urgência subjetiva em psicanálise. *A peste*, 7(1), 95-105. <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/30462>
- Birman, J. (2020). *O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Jose Olympio.
- Bogchvol, A. & Teixeira, A. (2017). Memória. In Teixeira, A. & Caldas, H. (Orgs.). *Psicopatologia lacaniana: semiologia. Vol. 1* (pp. 201-235). Autêntica Ed.
- Brousse, M. -H. (2020a). O trauma na cura analítica: os bons e maus encontros com o real. *EBP, Acervo on-line*. <https://www.ebp.org.br/os-traumas-na-cura-analitica-bons-e-maus-encontros-com-o-real/>
- Brousse, M. -H. (2020b). Os tempos do vírus. *Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*. https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/04/os-tempos-do-virus/
- Camus, A. (2020/1958). *A peste*. Record.
- Coutinho Jorge, M. A. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia, v. 2*. Zahar.
- Ferrari, I., Calmon, A. & Teixeira, A. (2017). Semiologia da temporalidade e da espacialidade. In A. Teixeira & H. Caldas (Orgs.). *Psicopatologia lacaniana: semiologia. Vol 1* (pp. 167-185). Autêntica Ed.
- Ferrari, I. F., Januzzi, M. E. da S. & Guerra, A. M. C. (2020). Pandemia, necropolítica e o real do desamparo. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 23(3), 564-582. <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Jrwnfrrr3d6ChRxZj9VtffD/?lang=pt>
- Ferri, H. M. A. N. (2020). A negação da pandemia e o mal-estar na civilização. In Fórum do Campo Lacaniano do Mato Grosso do Sul (Orgs.). *Psicanálise e pandemia* (pp. 41-47). Aller Ed.
- Freud, S. (2006/1896). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (E.S.B.)* (vol. 3, pp. 163-183). Editora Imago.
- Freud, S. (2010/1915). A repressão. In *Obras completas* (v. 7, pp. 61-73). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010/1920). Além do princípio do prazer. In *Obras completas* (v. 14, pp. 120-178). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2014/1926). Inibição, sintoma e angústia. In *Obras completas* (v. 17, pp. 14-123). Companhia das Letras.

- Gallano, C. (2020). Que a memória das sacadas não emudeça. In Fórum do Campo Lacaniano do Mato Grosso do Sul (Orgs.). *Psicanálise e pandemia* (pp. 153-176). Aller Ed.
- Iannini, G., Gerber, K. F., Cárdenas, O. D. M, Tvardovskas, L. S. & Rodrigues, G. H. et al. (2021). “Presente”: Tempos de sonhar. In C. Dunker, C. Perrone, G. Iannini, M. D. Rosa & R. Gurski (Orgs.). *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia* (pp. 71-104). Autentica.
- Lacan, J. (1992/1969-1970). *O seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1998/1945). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In *Escritos* (pp. 197-213). Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1998/1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (pp. 238-324). Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1998/1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In *Escritos* (pp. 591-652). Zahar Ed.
- La Sagna, P. (2015). Os mal-entendidos do trauma. *Opção lacaniana*, 6(16), 1-18. http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_16/Os_mal-entendidos_do_trauma.pdf
- Laurent, É. (2004). O trauma ao avesso. *Papéis de Psicanálise*, 1(1), 21-28. <https://pt.scribd.com/document/237530868/o-Trauma-Ao-Avesso/>
- Laurent, É. (2020a). O Outro que não existe e seus comitês científicos. *Correio Express: Revista eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*. https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/03/28/o-outro-que-nao-existe-e-seus-comites-cientificos/
- Laurent, É. (2020b). Les biopolitiques de la pandémie et le corps, matière de angoisse. *Lacan Quotidien*, 892. <https://lacanquotidien.fr/blog/2020/06/lacan-quotidien-n-892/>
- Macêdo, L. F. (2020). A biopolítica na pandemia. *Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*. https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/03/26/a-biopolitica-da-pandemia/
- Miller, J.-A. (1987). *Percurso de Lacan: uma introdução*. Jorge Zahar Ed.
- Miller, J.-A, D'Angelo, L., Fuentes, A., Garrido, C., Goya, C., Rueda, F., & Vicens, A. (2006). Lo Real es sin ley. In J.-A. Miller, L. D'Angelo, A. Fuentes, C. Garrido, A. Goya, F. Rueda, A. Vicens(Orgs.). *Efectos terapéuticos rápidos: Conversaciones clínicas com Jacques-Allain Miller em Barcelona* (pp. 65-85). Paidós.
- Miller, J. -A. (2008). *El partenaire-síntoma*. Paidós.
- Moretto, M. L. T. (2002). *O que pode um analista no hospital?* Casa do Psicólogo.
- Presidência da República, Brasil. (2021). *Lei 14.128/21*. <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1185286892/lei-14128-26-marco-2021>

- Quinet, A. (2009). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Jorge Zahar Ed.
- Rousseau-dujardin, J. (1996). Trauma. In P. Kaufmann (Org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan* (pp. 558-559). Jorge Zahar Ed.
- Soler, C. (2004). Trauma e fantasia. *Revista Stylus*, 9, 45-58. <https://www.campolacanianano.com.br/revista-stylus/>
- Soler, C. (2012). *Declinações da angústia: curso 2000-2001*. Escuta.
- Soler, C. (2021a). *De um trauma ao Outro*. Série Dor e Existência. Blucher.
- Soler, C. (2021b). *Écrit sous COVID: la psychanalyse questionnée*. Editions Nouvelles du Champ Lacanien.
- Vilanova, A. (2020). Herd Immunity. *Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*. https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/03/28/herd-immunity/